

Intervenção em grupo com adolescentes em acolhimento institucional: a esperança em cena

Group intervention with adolescents in foster care: hope in scene

Intervención en grupo con adolescentes en acogimiento institucional: la esperanza en escena

Cláudia Yaísa Gonçalves da Silva¹ , Ivonise Fernandes da Motta² 

Resumo: A partir da perspectiva do pediatra e psicanalista inglês D. W. Winnicott, este estudo objetiva apresentar as repercussões de intervenções sobre a capacidade de esperança em adolescentes em acolhimento institucional. Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo pesquisa-ação, que utilizou a modalidade de Grupo Psicanalítico de Discussão com adolescentes do gênero feminino. O método de análise de dados foi a análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram melhora na comunicação, na confiança, na perspectiva de futuro e na esperança das participantes. A proposta dos encontros, mediados por uma psicóloga, contribuiu para o sentimento de confiança das adolescentes. Winnicott evidencia que, para indivíduos que sofreram privações, a previsibilidade do ambiente facilita a confiabilidade na relação, o que pôde ser observado no vínculo com as participantes. Nos encontros, as adolescentes vislumbraram um futuro positivo, diferente do passado, manifestando a crença na capacidade de criar, fazer escolhas e encontrar o que se necessita.

Palavras-chave: adolescência; psicanálise; pesquisa-ação; acolhimento institucional.

Abstract: From the perspective of the English pediatrician and psychoanalyst D.W. Winnicott, this study aims to present the repercussions of interventions on the capacity for hope among adolescents in foster care. It is a qualitative field study in which Psychoanalytic Discussion Groups were conducted with adolescent girls. The data was analyzed using qualitative content analysis. The results demonstrated improvement in communication, trust, future perspective, and hope among the participants. The meetings mediated by a psychologist contributed to the adolescents' trust. Winnicott emphasizes that for individuals who have experienced deprivation, the predictability of the environment enhances trust in the relationship, as evidenced by the connection with the participants. During the meetings, the adolescents envisioned a positive future, different from the past, believing in their capacity to create, make choices, and find what they need.

Keywords: adolescence; psychoanalysis; action research; foster care.

Resumen: Desde la perspectiva del pediatra y psicoanalista inglés D. W. Winnicott, este estudio tiene como objetivo presentar las repercusiones de las intervenciones sobre la capacidad de esperanza en adolescentes en acogimiento institucional. Se trata de un estudio cualitativo de investigación-acción, con Grupo Psicoanalítico de Discusión con adolescentes de género femenino. Se realizó un análisis de contenido cualitativo de los datos. Los resultados mostraron mejoras en la comunicación, la confianza, la perspectiva de futuro y la esperanza de las participantes. La propuesta de las reuniones, mediadas por una psicóloga, contribuyó al sentimiento de confianza de las adolescentes. Winnicott señala que para individuos que han sufrido privaciones, la previsibilidad del entorno facilita la confiabilidad en la relación, lo cual se pudo observar en el vínculo con las participantes. Durante las reuniones, las adolescentes vislumbraron un futuro positivo, diferente del pasado, manifestando la creencia en la capacidad de crear, tomar decisiones y encontrar lo que se necesita.

Palabras clave: adolescencia; psicoanálisis; investigación-acción; acogimiento institucional.

¹Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). E-mail: claudia@psico.life. Psicóloga. Especialização em Psicanálise (UniCesumar), Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica (IP-USP). Pesquisadora de Pós-Doutorado no Departamento de Psicologia Clínica do IP-USP.

²Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). E-mail: ivonise@usp.br. Professora Livre-Docente do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do IP-USP, Mestrado e Doutorado. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa sobre o Desenvolvimento Psíquico e a Criatividade em Diferentes Abordagens Psicoterápicas (LAPECRI). Supervisora do curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica da UNIP.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Recebido: 19/02/2024 | **Alterado:** 07/11/2025 | **Aceito:** 03/12/2025

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano que pode ser experienciada de forma diferente, a depender do contexto de vida de cada pessoa. Nesse sentido, adolescentes que passaram por situações de violência, negligência, violação de direitos ou risco pessoal e social, podem manifestar percepções sobre as suas vidas de modo diverso daqueles que não tiveram as mesmas experiências. No Brasil, crianças e adolescentes com tais realidades podem ser temporariamente acolhidos em um Serviço de Acolhimento Institucional (SAI), como medida protetiva, enquanto aguardam a decisão judicial sobre os direcionamentos possíveis: retorno à família ou encaminhamento para uma família substituta (Brasil, 1990).

Ainda que o serviço de acolhimento seja uma instituição que visa garantir a proteção integral de crianças e adolescentes, a vivência pessoal dos acolhidos nem sempre é favorável, devido ao impacto da mudança de vida. O adolescente, nesse contexto, pode internalizar estigmas sociais com repercussão negativa em sua autoestima, admitindo-se como uma pessoa insegura, excluída e vulnerável (Delgado, Carvalho, & Correia, 2019).

Considera-se essencial a implementação de medidas preventivas a serem inseridas nos SAIs, com o intuito de evitar prejuízos à saúde mental dessa parcela da população. Nessa direção, um dos pontos a serem notados é a preparação para a autonomia e a transição para a desinstitucionalização, pois alguns acolhidos podem permanecer no serviço de acolhimento até por volta da maioridade. Nesse caso, é válida a elaboração de estratégias que auxiliem no processo de emancipação, incluindo estudo, trabalho, habilidades para a vida cotidiana, relacionamento interpessoal, apoio social e emocional (Cassarino-Perez et al., 2018).

Pesquisas recentes têm destacado aspectos emocionais e relacionais vivenciados por adolescentes em situação de acolhimento, evidenciando tanto os desafios quanto os potenciais presentes nesse contexto. Estudos nacionais e internacionais apontam que a presença de vínculos afetivos consistentes e figuras adultas de referência pode favorecer o desenvolvimento da confiança, da esperança e da autonomia entre adolescentes acolhidos (Hoffler, 2017; Rodarte et al., 2015; Wendt, Dullius & Dell'Aglio, 2017). Além disso, investigações brasileiras indicam que, mesmo diante das adversidades, é possível observar a preservação de aspectos de esperança e de perspectiva positiva sobre o futuro, ainda que permeados por sentimentos de incerteza quanto ao destino institucional (Paludo, Mazzoleni, & Silva, 2018). Esses achados reforçam a importância de compreender os fatores que contribuem para a sustentação da esperança e do amadurecimento emocional em contextos de acolhimento institucional.

No presente trabalho, abre-se a possibilidade de refletir sobre a esperança a partir das contribuições do psicanalista D. W. Winnicott, que oferece importantes aportes para a compreensão dos aspectos facilitadores do amadurecimento emocional saudável, evidenciando o papel do ambiente suficientemente bom desde o nascimento. O bebê, ao encontrar um ambiente capaz de se adaptar e atender às suas necessidades, vivencia e internaliza uma experiência de confiança. Assim, estabelecem-se as bases para a capacidade do indivíduo *continuar a vir a ser*, entrar em contato com o verdadeiro *self* e relacionar-se com o outro e com o mundo (Winnicott, 1958/2000b). Contudo, quando o indivíduo vivencia falhas significativas na provisão ambiental, como ocorre com adolescentes em acolhimento institucional, pode haver uma *quebra de fé*, um abalo na confiabilidade do ambiente e uma ruptura na capacidade de acreditar (Winnicott, 1989/1994).

Em um relato clínico de um paciente falso *self*, o referido psicanalista menciona a fala do paciente: “A única vez que eu senti esperança foi quando você me disse não ver esperança e continuou com a análise” (Winnicott, 1979/1983, p. 139). A esperança, nessa perspectiva, pode ser compreendida como a capacidade de acreditar ser possível a reparação das falhas anteriormente vividas, por meio da confiabilidade no ambiente. Trata-se de uma esperança que se revela na busca do indivíduo por reencontrar algo que favoreça sua capacidade de se sentir seguro e de estabelecer vínculos, de resgatar a espontaneidade e a criatividade, e de experienciar novamente algo bom que um dia esteve presente.

Em termos das condições psicológicas e emocionais dos adolescentes acolhidos, o cuidado para com o bem-estar também é um aspecto relevante. Estudos evidenciaram que a esperança pode ser associada positivamente ao bem-estar, de modo que a esperança tende a ser um recurso adicional para melhorar o estado

de bem-estar de crianças e adolescentes que se encontram acolhidos ou que foram reunificados às famílias. A esperança aqui é compreendida tanto na capacidade de realizar e alcançar os objetivos quanto na percepção da viabilidade de alcançá-los (James et al., 2017; James & Roby, 2019).

Um programa de intervenção psicológica, de seis semanas, para adolescentes acolhidos, mostrou resultados positivos. A proposta de aplicação de exercícios para estimular o bem-estar e a esperança, obteve efeitos na autoconfiança, autovalor, assertividade, comunicação e otimismo no futuro (Teodorczuk, Guse, & Plesis, 2019). Chauhan (2020) menciona alcances satisfatórios no trabalho em grupo com meninas abrigadas, por meio de atividades de escrita e desenho. Além de facilitar o resgate da criatividade e do sentido da vida, a intervenção também fortaleceu a coletividade entre as participantes.

Um programa de capacitação para jovens acolhidos que possuíam impactos na saúde mental, evidenciou efeitos benéficos para o grupo que recebeu a intervenção. Os resultados apresentaram ganhos nas medidas de esperança, autodeterminação, preparação pós-secundária, participação, transição e fortalecimento da saúde mental. Ademais, o grupo que não recebeu a intervenção obteve aumento de desesperança no decorrer do tempo (Geenen et al., 2015).

A eficácia de atividades psicológicas também foi percebida em um grupo de crianças e adolescentes órfãos, cujo trabalho foi voltado para o processo de luto. Após seis sessões em grupo, observou-se no pós-teste aumento no processamento do luto, esperança, controle e expectativas futuras, bem como a diminuição de sintomas relativos a trauma, ameaças e depressão (Lin et al., 2014). Reddy, et al. (2013) relataram resultados proveitosos em um treinamento para melhoria do funcionamento psicossocial de adolescentes acolhidos. A frequência da prática dos exercícios sugeridos foi associada a maior esperança e menor ansiedade.

Dessa forma, ressaltam-se alguns caminhos possíveis a fim de favorecer o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes acolhidos institucionalmente, visando à prevenção em saúde mental. Pode-se citar: o acompanhamento psicológico em instituições-abrigo, o trabalho preventivo desde a primeira infância e o diagnóstico precoce junto a essa população (Careta & Motta, 2007).

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva apresentar as repercussões de intervenções sobre a capacidade para a esperança, realizadas com adolescentes de um serviço de acolhimento institucional. Pretende-se apresentar como os encontros foram organizados e quais os alcances obtidos, no intuito de oferecer um modelo de intervenção de prevenção em saúde mental, possível de ser aplicado em instituições sociais.

Método

Tipo de estudo

Este é um estudo do tipo qualitativo e de pesquisa-ação. A pesquisa qualitativa busca compreender a dinâmica das relações sociais, dos processos e dos fenômenos, as formas de inter-relação por meio do fenômeno subjetivo, evidenciando a experiência humana. A pesquisa-ação considera o envolvimento do pesquisador com as pessoas investigadas e a problemática a ser estudada, além de propor a transformação da realidade pela cooperação dos envolvidos na mobilização de uma situação social (Gil, 2017).

Participantes

Participaram quatro adolescentes, de 13 a 16 anos, do gênero feminino, temporariamente residentes em um Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes, com convênio junto à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da cidade de São Paulo - Brasil. Na instituição moravam cerca de 15 crianças e adolescentes, entre zero e 17 anos e 11 meses de idade, sendo que as quatro participantes correspondiam a todas as adolescentes acolhidas no serviço.

Instrumentos

Os materiais usados foram cartolina, materiais gráficos, revistas e cola para a elaboração de desenhos e histórias, recorte e colagem, e confecção de cartaz. Destaca-se a aplicação do Procedimento de Desenhos-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), com a proposta de desenho temático e a escrita de história, seguidos de diálogo. Esse instrumento mostrou ter capacidade para facilitar a manifestação de aspectos subjetivos da pessoa, favorecendo a comunicação emocional.

Procedimentos de coleta de dados

Aconteceram encontros presenciais em grupo com as participantes, nas instalações do serviço de acolhimento. No total, ocorreram seis encontros, realizados a partir do dispositivo de Grupo Psicanalítico de Discussão: uma visita inicial para apresentação da proposta e assinatura dos termos de participação; quatro encontros temáticos; e uma visita de encerramento do trabalho. Cada encontro foi registrado em diário de campo para posterior análise.

A modalidade grupal aplicada no estudo pode ser compreendida a partir da perspectiva dos Grupos Psicanalíticos de Discussão, conforme desenvolvidos e utilizados em contextos institucionais pelo NESME (Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares). Configura-se como um dispositivo grupal inspirado nos grupos operativos de Pichon-Rivière. O objetivo dos Grupos Psicanalíticos de Discussão é favorecer a troca horizontal de saberes e a construção coletiva do conhecimento a partir de um disparador comum. O foco não está na intervenção psicoterapêutica, mas na criação de um espaço de diálogo, reflexão e elaboração simbólica, no qual a escuta e as associações dos participantes contribuem para a ampliação do pensamento e para o aprendizado compartilhado. O coordenador, nesse contexto, tem o papel de sustentar o enquadre e promover a circulação da palavra, autorizando e estimulando a participação de todos os presentes, inclusive reconhecendo o silêncio como uma forma legítima de expressão. Assim, sua função principal é favorecer o movimento reflexivo e o caráter democrático do grupo, assegurando que o dispositivo mantenha sua potência de elaboração coletiva (Emílio, 2021).

No primeiro encontro grupal, foram apresentados os termos éticos da pesquisa e explicada a natureza voluntária da participação. Nesse momento, também se explicitaram a frequência e a duração dos encontros. O Termo de Assentimento foi lido e comentado coletivamente, permitindo que o grupo fizesse perguntas, esclarecesse dúvidas e se apropriasse do espaço proposto.

No segundo encontro, o material disparador do grupo foi a aplicação do Procedimento de Desenhos-Estória com Tema, com a descrição: Um adolescente nos dias de hoje. Foi solicitada a criação de um desenho de acordo com a especificação apresentada, seguida da escrita de uma história sobre a ilustração. No final, cada participante elaborou um título para a produção.

O disparador do terceiro encontro grupal foi a pergunta: Quem sou eu? O intuito foi explorar a auto-descrição e a heterodescrição das participantes. A psicóloga mediadora dos encontros levantou indagações para serem compartilhadas no grupo: Como você é? O que você pode dizer sobre você? Quais são as características que melhor definem você? O que os outros diriam sobre como você é? Assim, estimula-se a reflexão sobre características da personalidade, atitudes e habilidades pessoais.

A pergunta disparadora do quarto encontro foi: Como é a pessoa que você gostaria de ser? A proposta foi vislumbrar as possibilidades de vida no futuro, autonomia e aspirações pessoais. Para tanto, levantaram-se questionamentos para facilitar a comunicação: Como é essa pessoa? Diga três coisas sobre ela. O que essa pessoa gosta de fazer? Como ela ficou assim? Qual é o seu maior medo? O que você acha que acontecerá no futuro dessa pessoa? Propôs-se a elaboração de um cartaz com recorte e colagem de imagens de revistas que manifestassem a pessoa que se gostaria de ser.

No quinto encontro grupal, foi novamente aplicado o Procedimento de Desenhos-Estória com Tema. Com base no desenho do primeiro Procedimento, a proposta foi a seguinte descrição: Desenhe o adolescente daqui a cinco anos. Fez-se o desenho, a escrita de uma história e o título da produção, abrindo-se um diálogo.

No mesmo encontro, as participantes foram convidadas a criar juntas um cartaz com o tema: O que me faz ter esperança? Foram levantadas as seguintes questões: Quais são as pessoas que me motivam no dia a dia? Quem eu considero importante na minha vida? Com quem posso contar para resolver meus problemas? Quem é a pessoa que consegue me compreender?

O último dia foi destinado ao encerramento. Permitiu-se a fala livre das participantes sobre a experiência das intervenções, assim como uma confraternização a pedido delas. Os encontros buscaram favorecer a expressão de sentimentos, pensamentos e experiências sobre a vida atual e o futuro, em um ambiente permeado pela escuta, pela fala e pelo acolhimento. Um ano após o término do estudo, aconteceu um encontro de *follow-up* para verificar como as participantes estavam e as possíveis repercussões dos encontros realizados.

Procedimentos de análise dos dados

Os resultados dos encontros, registrados em diário de campo, foram analisados a partir da perspectiva teórica do pediatra e psicanalista inglês D. W. Winnicott. Para auxiliar na leitura e na interpretação do material, recorreu-se aos princípios da Análise de Conteúdo, conforme propostos por Bardin (1977). A Análise de Conteúdo é um método de investigação qualitativa que busca compreender o significado das comunicações, permitindo ao pesquisador ir além do conteúdo manifesto e alcançar dimensões simbólicas e latentes do material estudado.

Disposições éticas

As participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o responsável legal pelo serviço de acolhimento assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IPUSP), credenciado pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): [Número 28727320.3.0000.5561].

Resultados

As participantes compareceram aos seis encontros do Grupo Psicanalítico de Discussão e se envolveram nas atividades sugeridas. No primeiro encontro, quando foi explicada a proposta do trabalho e realizada a assinatura dos termos de participação, as adolescentes se mostraram reservadas, retraídas e com certa desconfiança, buscando se certificar quanto à privacidade e à quantidade de encontros previstos. No momento das apresentações, a pesquisadora compartilhou uma curiosidade sobre o seu nome e uma das meninas fez um pedido sobre como gostaria que fosse chamada: “Tia, acho que você poderia me chamar pelo meu segundo nome. Ninguém me chama assim”. As meninas concordaram com os termos de participação e esclareceram dúvidas sobre a vida pessoal e profissional da pesquisadora.

No segundo encontro do Grupo Psicanalítico de Discussão, as adolescentes elaboraram o desenho e a história de um adolescente nos dias de hoje. As narrativas expressaram personagens imersos em cenários adversos de vulnerabilidade e desamparo, inclusive com alusão ao afastamento familiar e ao acolhimento institucional. Algumas histórias versaram sobre experiências reais das adolescentes, mas foram camufladas pelos personagens, que receberam nomes e até gêneros diferentes dos das participantes. Duas ilustrações foram elaboradas em preto e branco, com menos elementos; já as outras duas foram coloridas e mais detalhadas. No final do Procedimento de Desenhos-Estória com Tema, estava previsto um momento de compartilhamento no grupo, mas as adolescentes não quiseram comentar sobre o que as produções representavam. Segue trecho do diário de campo: “Ah, tia, não dá, a história é baseada na minha vida! A senhora não vai levar os desenhos? Respondi que sim. Então você vai ver o que está escrito”.

No terceiro encontro grupal, perante o tema Quem sou eu?, indagou-se quais eram as características que melhor definiam as participantes. Elas mencionaram dificuldade em responder à atividade, solicitando que a psicóloga começasse falando sobre si. Quando foram mencionados atributos pessoais, as meninas emitiram falas depreciativas: “chata, impaciente, ansiosa, preguiçosa, indecisa, desentendida e não ser determinada”. Apenas uma delas evidenciou pontos positivos em si: “boa conselheira, comunicativa, sociável e autoconfiante”. Uma integrante comentou que “não era boa em nada... era boa em fazer confusão”. Essa ótica de desvalia ficou evidente tanto na atividade de autodescrição, quanto na heterodescrição.

No quarto encontro, a sugestão foi a elaboração de um cartaz com recorte e colagem com imagens que simbolizassem o tema: Como é a pessoa que você gostaria de ser? As ilustrações escolhidas foram fotografias de mulheres, paisagens urbanas e naturais, viagens, aparelhos eletrônicos e outros bens de consumo, como imóveis e automóveis. No momento do diálogo sobre os cartazes as meninas verbalizaram o que imaginavam sobre a pessoa que gostariam de ser: “feliz; livre; bonita; legal; independente; corajosa; calma; paciente; inteligente; empoderada; observa mais do que fala; gosta de ficar no celular”. Depois, a psicóloga mediadora indagou como essa pessoa ficou assim; as adolescentes responderam: “trabalhou e estudou muito”. Contudo, referente ao maior medo dessa pessoa, disseram: “medo de não conseguir o que ela quer; medo de dar errado; medo de não ser bem recebida”. Nesse encontro, as adolescentes também falaram sobre como se imaginavam no futuro, sobre estudo, vida profissional e moradia. Uma delas almejava ser advogada: “nunca tinha parado para pensar realmente sobre isso”.

No quinto encontro em grupo, foi realizada a segunda parte do Procedimento de Desenhos-Estória com Tema. Solicitou-se que as adolescentes recordassem o primeiro desenho que haviam feito e, em seguida, elaborassem uma nova ilustração representando o mesmo adolescente após cinco anos. Os desenhos se mostraram mais detalhados e coloridos, e os enredos das histórias mais esperançosos e positivos, evidenciando que os personagens superaram os desafios. Quando instigadas a pensarem como cada uma delas estaria após cinco anos, as respostas foram: “estar fora da instituição de acolhimento, morando na própria casa e trabalhando”. Ainda nesse encontro houve a elaboração de um cartaz com o título: O que me faz ter esperança? As meninas compartilharam o que as motiva no dia a dia a ter esperança: “avó, irmãos, pai, mãe e tios”. No entanto, notou-se a fragilidade dos vínculos familiares, pois ao responderem com quem podem contar efetivamente, comentaram sobre a madrinha afetiva, avó e tio, pois as figuras maternas e paternas não estavam presentes. Duas participantes referiram a Deus, pois não contavam com uma rede de apoio externa. Houve, ainda, um momento em que as participantes tiraram dúvidas com a psicóloga sobre cursos universitários e possibilidades profissionais.

Na última intervenção do Grupo Psicanalítico de Discussão, aconteceu um fechamento das atividades. Ao serem perguntadas sobre como foi participar das intervenções, as adolescentes responderam que sentiram falta, pois “foi legal” e agradeceram a pesquisadora tê-las “tirado do tédio”. Um trecho do diário de campo acrescenta que “Outra adolescente comentou que estava triste porque terminaria o trabalho”. Ao final, elas pediram para a psicóloga tirar uma foto de todas juntas para registrar o momento, mas alertaram sobre a foto não poder ser divulgada nas redes sociais pelo fato de serem menores de idade. No encontro de *follow-up* as participantes se mostraram receptivas à pesquisadora, recordaram com entusiasmo os encontros do ano anterior e mantiveram as expectativas positivas quanto ao futuro. Algumas adolescentes reconheceram que o retorno à família de origem não era uma opção viável, identificando as limitações dos familiares em assumir o cuidado sobre elas. Contudo, conseguiam vislumbrar alternativas para dar sequência a uma vida autônoma, conforme almejavam.

Discussão

No começo dos trabalhos do Grupo Psicanalítico de Discussão, a desconfiança inicial das participantes era compreensível, pois elas possuíam um histórico de vida marcado por ausências, faltas e desamparo, o que

pode ter abalado a capacidade de confiar. O psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1986/1999) afirma que, com pessoas que sofreram privações ambientais nas relações de cuidado, ter um ambiente previsível e estável contribui para a confiabilidade na relação, de modo que isso é fortalecido quando o terapeuta demonstra um real interesse em estar em contato com o outro. A busca pela previsibilidade foi notada no momento da assinatura dos termos de participação, a partir da necessidade das meninas de se certificarem sobre o local, o tempo e o período em que os encontros aconteceriam. Ainda que houvesse um clima inicial de desconfiança, parecia existir uma tentativa de estabelecimento de um vínculo positivo com a psicóloga. Esse movimento pode ser compreendido como o início de uma transferência positiva, na qual a pesquisadora passa a ocupar, simbolicamente, o lugar de um objeto confiável. Contratransferencialmente, a desconfiança inicial mobilizou na pesquisadora o cuidado em sustentar um ambiente estável e previsível, condição essencial para o desenvolvimento da confiança e do vínculo. A cena em que uma participante pediu para ser chamada pelo segundo nome ilustra esse processo, revelando um movimento de diferenciação e de busca de reconhecimento de sua identidade própria, um gesto que, dentro do vínculo transferencial, marca o início da experiência de ser vista e nomeada de modo singular. Isso vai ao encontro dos fenômenos que acontecem na fase da adolescência, quando o sujeito se direciona ao encontro com o próprio eu e as expressões do verdadeiro self, percebidas na originalidade criativa, na espontaneidade e na experiência de viver (Winnicott, 1979/1983).

No primeiro procedimento de Desenhos-Estória com Tema, solicitou-se que as meninas desenhassem um adolescente nos dias atuais e criassem uma história. Verificou-se que as produções tocaram na biografia das participantes e nos sentimentos de tristeza, incerteza e desamparo. Em todos os enredos, os personagens foram afetados por alguma contrariedade que abalou o decorrer da história. No desfecho das narrativas, os personagens eram passivamente submetidos às circunstâncias, com pouca decisão para a mudança. Percebe-se que a atividade promoveu a expressão emocional das adolescentes, manifestando vivências e emoções. Ainda que tenha acontecido resistência para compartilhar as reflexões suscitadas na atividade, as adolescentes permitiram que a psicóloga tivesse acesso posteriormente. É possível que as participantes começassem a identificar a pesquisadora como uma figura passível de confiança. Tal identificação indica o fortalecimento do vínculo transferencial, em que a pesquisadora é investida como uma figura capaz de sustentar e simbolizar o cuidado. Na contratransferência, esse reconhecimento também gerou na psicóloga sentimentos de responsabilidade e empatia, sinalizando que a relação terapêutica grupal estava se consolidando como um espaço de segurança e transformação. Esta posição vai ao encontro da literatura que aponta o quanto a presença de mentores, percebidos como figuras de apoio, pode contribuir para o aumento da esperança em adolescentes acolhidos (Hoffler, 2017; Sulimani-Aidan, Melkman, & Chan, 2019). Ademais, Winnicott (1971/1975), refere que a confiança investida no analista pode neutralizar as experiências difíceis da infância do paciente. Com isso, o paciente pode acreditar que uma relação de confiança é possível de ser encontrada.

No terceiro encontro grupal, na atividade disparadora de autodescrição e heterodescrição, estimulou-se que as participantes refletissem sobre quem elas eram e como elas entendiam que as pessoas próximas as reconheçam. Constatou-se que as adolescentes tiveram dificuldade para realizar o exercício e quando foram compartilhar no grupo o que pensaram, referiram a si mesmas com características negativas. Esse fato é corroborado por estudos que evidenciam como os adolescentes acolhidos em instituições podem obter uma autoimagem prejudicada, com impacto negativo na forma como se percebem, identificando-se com uma imagem estigmatizada socialmente (Delgado, Carvalho, & Correia, 2019; Wendt, Dullius, & Dell'Aglio, 2017).

Ainda que o processo de acolhimento tenha impactado a autoestima das participantes, verificou-se que um fio de esperança se mantinha preservado, evidenciando que, apesar do histórico difícil, sentimentos positivos podem ser encontrados em adolescentes acolhidos. Esse resultado é confirmado por uma pesquisa que mostrou que a esperança se mantinha preservada nesta população, sendo relacionada às expectativas futuras positivas (Paludo, Mazzoleni, & Silva, 2018). Conforme os encontros aconteciam, as participantes se mostravam mais disponíveis para aproveitar a experiência relacional com o grupo e com a pesquisadora. Contudo, é importante considerar que a sustentação dessas experiências de esperança e

confiança demanda também a presença de um ambiente institucional suficientemente bom, que favoreça a continuidade dos vínculos e ofereça condições reais para a construção de perspectivas de futuro, aspecto evidenciado no diálogo com as participantes e ressaltado por Winnicott em sua compreensão sobre a importância do ambiente para o amadurecimento emocional.

No quarto encontro do Grupo Psicanalítico de Discussão, diante do convite para refletirem sobre a pessoa que gostariam de ser, surgiram falas positivas que remetem à construção de um futuro com boas perspectivas. A pessoa do futuro se sente feliz e realizada, acreditando na mudança de vida. Para esse alcance, as meninas associaram que o estudo e o trabalho são dimensões que permitiriam o encontro com esses objetivos. Esses achados estão em concordância com a literatura científica, a qual revela que, para adolescentes acolhidos, a obtenção de uma melhor condição de vida exige a qualificação profissionalizante e o desenvolvimento de habilidades psicopedagógicas (Almeida & Morais, 2016; Rodarte et al., 2015).

No quinto encontro, as adolescentes dialogaram sobre a esperança e as ideias para o futuro. Percebeu-se uma visão bastante ponderada sobre a realidade e acerca das possibilidades de vida. As participantes se sentiram à vontade para questionar a psicóloga sobre cursos universitários e profissões, indicando a importância de mapear caminhos possíveis. As atividades revelaram ser benéficas para o grupo de adolescentes, o que corrobora estudos que apontam o quanto a preservação da perspectiva positiva de futuro pode estar associada a características de esperança e bem-estar em adolescentes em condições de acolhimento institucional (Paludo, Mazzoleni, & Silva, 2018; Teodorczuk, Guse, & Plessis, 2019). O sentimento esperançoso também foi notado na produção dos desenhos e da história do adolescente após cinco anos, a partir de uma narrativa com um desfecho satisfatório, na qual os personagens assumiram ativamente as decisões para as suas vidas. Paralelamente, as meninas também demonstraram a manutenção de sentimentos positivos ao pensarem sobre como elas se encontrariam após cinco anos. Considera-se que foi expressa no grupo a esperança das participantes, ou seja, a capacidade de acreditar ser possível encontrar o que se busca em termos de realização pessoal, a partir da confiança no ambiente (Winnicott, 1971/1975).

No último encontro, percebeu-se que as intervenções realizadas tiveram efeito satisfatório nas participantes, as quais puderam ter um espaço para reavaliar as próprias vidas e resgatar a esperança quanto ao futuro. Tais benefícios estão em concordância com a literatura da área, a qual reitera a importância de programas de preparação para o desacolhimento e a transição para a maioria, contribuindo para a autodeterminação, a esperança e a melhora na saúde mental na adolescência (Geenen et al., 2015). Para o encerramento, as adolescentes pediram para que a pesquisadora tirasse uma foto de todas juntas para guardarem aquele momento, alertando que a foto não poderia ser divulgada por preservação da imagem. O pedido das meninas evidenciou o voto de confiança depositado na psicóloga, acreditando que elas seriam respeitadas e protegidas. Esse pedido pode ser compreendido como um movimento transferencial, no qual as participantes projetam na pesquisadora a função de um objeto confiável e continente, capaz de acolher suas experiências emocionais e proteger o vínculo estabelecido. Do ponto de vista contratransferencial, o gesto de desejar guardar a imagem sem divulgá-la desperta reflexões sobre o significado simbólico desse ato, sobre o que estaria sendo preservado: a imagem interna do grupo como espaço de acolhimento e confiança. Essa vivência mobiliza, portanto, uma dimensão afetiva na pesquisadora, que reconhece no pedido das adolescentes uma tentativa de manter viva a experiência de esperança e de conservar internamente o ambiente suficientemente bom encontrado nos encontros. Conforme esclarece Winnicott (1958/2000a) quando o analista atua como contexto perante o paciente, pode ser percebido como um ambiente suficientemente bom, facilitando a esperança de que o eu tenha a experiência de viver. Por fim, na visita de follow-up, um ano após as intervenções, confirmou-se que as atividades propostas se mostraram proveitosas para as adolescentes, ajudando no resgate e na manutenção das perspectivas positivas futuras e na esperança no viver.

Considerações finais

O estudo apresenta algumas limitações, como a amostra reduzida e a utilização exclusiva de instrumentos qualitativos, não permitindo uma análise estatística passível de generalização. Sugere-se que futuros trabalhos se dediquem a investigações quali-quantitativas, com grupo controle. Além disso, a proposta dos encontros grupais, mediados pela psicóloga, apresentou efeitos positivos, contribuindo para a comunicação emocional, o exercício da confiança, o resgate da esperança e a ampliação da expectativa de futuro das participantes. Destaca-se, ainda, a relevância da instituição de acolhimento como parte fundamental do ambiente que sustenta tais experiências, uma vez que o suporte oferecido pela equipe e pela estrutura institucional é essencial para a continuidade dos vínculos e para a manutenção dos efeitos subjetivos observados. Trata-se, assim, de um modelo de intervenção que pode ser inserido em instituições sociais com população em situação de risco ou violação de direitos, a fim de favorecer práticas de prevenção em saúde mental.

Agradecimentos

Agradecimento às participantes do estudo, pela confiança e disponibilidade para os encontros. Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. (Tese de Livre-Docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-24022006-090139/pt-br.php>
- Almeida, S. G. C. de., & Moraes, N. A. de. (2016). Expectativas relacionadas à reinserção familiar: um estudo com adolescentes com histórico de situação de rua, familiares e educadores. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(2), 508-528. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/29230/20662>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições70.
- Brasil (1990). *Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990*. Dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Careta, D. S., & Motta, I. F. (2007). A importância do diagnóstico precoce e de intervenções preventivas em crianças abrigadas. *Revista de Psicologia da UNESP*, 6(1), 45-59. <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1009/931>
- Cassarino-Perez, L., Córdova, V. E., Montserrat, C., & Sarriera, J. C. (2018). Transição entre o acolhimento e a vida adulta: Uma revisão sistemática sobre intervenções. *Trends in Psychology*, 26(3), 1665-1681. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-19Pt>
- Chauhan, K. (2020). Making sense of the grim reality: experiences of children of sex workers. *Social Work with Groups*, 43(1-2), 25-29. <https://doi.org/10.1080/01609513.2019.1640965>
- Delgado, P., Carvalho, J. M. S., & Correia, F. (2019). Viver em acolhimento familiar ou residencial: O bem-estar subjetivo de adolescentes em Portugal. *Psicoperspectivas*, 18(2), 86-97. <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue2-fulltext-1605>
- Emílio, S. A. (2021). Grupos Psicanalíticos de Reflexão e Discussão enquanto modalidades de Grupos Operativos. In T. V. Santeiro, B. S. Fernandes, & W. J. Fernandes (Orgs.), *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa* (pp.281-303). Londrina: Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina.

- Geenen, S., Powers, L. E., Phillips, L. A., Nelson, M., McKenna, J., Wings-Yanez, N., Blanchette, L., Croskey, A., Dalton, L. D., Salazar, M., & Swank, P. (2015). Better futures: a randomized field test of a model for supporting young people in foster care with mental health challenges to participate in higher education. *The Journal of Behavioral Health Services & Research*, 42(2), 150–171. <https://doi.org/10.1007/s11414-014-9451-6>
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6ª. ed.). Atlas.
- Hoffler, J. S. (2017). Caring for the child welfare client: *Am I good enough?* *Smith College Studies in Social Work*, 87(2-3), 170-188. <https://doi.org/10.1080/00377317.2017.1324072>
- James, S. L., & Roby, J. L. (2019). Comparing reunified and residential care facility children's wellbeing in Ghana: The role of hope. *Children and Youth Services Review*, 96, 316-325. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.12.001>
- James, S. L.; Roby, J. L.; Powell, L. J.; Teuscher, B. A.; Hamstead, K. L., & Shafer, K. (2017). Does family reunification from residential care facilities serve children's best interest? A propensity-score matching approach in Ghana. *Children and Youth Services Review*, 83, 232– 241. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.10.032>
- Lin, X., Fang, X., Chi, P., Li, X., Chen, W., & Heath, M. A. (2014). Grief-processing-based psychological intervention for children orphaned by AIDS in central China: A pilot study. *School Psychology International*, 35(6), 609–626. <https://doi.org/10.1177/0143034314535617>
- Paludo, S. S., Mazzoleni, M., & Silva, A. P. C. (2018). Expressão de esperança em adolescentes em situação de acolhimento institucional. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 76-89. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000100007&lng=pt&tlng=pt
- Reddy, S. D., Negi, L. T., Dodson-Lavelle, B., Ozawa-de-Silva, B., Pace, T. W. W., Cole, S. P., Raison, C. L., & Craighead, L. W. (2013). Cognitive-based compassion training: A Promising prevention strategy for at-risk Adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 22, 219–230. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9571-7>
- Rodarte, B. C., Carlos, D. M., Leite, J. T., Beserra, M. A., Oliveira, V. G., & Ferriani, M. G. C. (2015). Fatores de proteção sob o olhar de adolescentes vitimizados e institucionalizados. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(7), 73-80. <http://dx.doi.org/10.12707/RIV15005>
- Sulimani-Aidan, Y., Melkman, E., & Hellman, C. M. (2019). Nurturing the hope of youth in care: The contribution of mentoring. *American Journal of Orthopsychiatry*, 89(2), 134-143. <https://doi.org/10.1037/ort0000320>
- Teodorczuk, K., Guse, T., & Plessis, G. A du. (2019). The effect of positive psychology interventions on hope and well-being of adolescents living in a child and youth care centre, *British Journal of Guidance & Counselling*, 47(2), 234-245. <https://doi.org/10.1080/03069885.2018.1504880>
- Wendt, B., Dullius, L., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Imagens sociais sobre Jovens em acolhimento institucional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 529-541. <https://doi.org/10.1590/1982-3703004012016>
- Winnicott, D. W. (1975). Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária. In *O Brincar e a realidade* (Jose Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre, trad., pp.48-64). Imago. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Winnicott, D. W. (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro "self" (1960). In *O Ambiente e os processos de maturação* (Irineo Constantino Schuch Ortiz, trad., pp.128-139). Artmed. (Trabalho original publicado em 1979.)
- Winnicott, C. (1994). O Conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família (1965). In Winnicott, C.; Shepherd, R; & Davis, M. *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (José Octavio de Aguiar Abreu, trad., pp. 102-115). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989.)
- Winnicott, D. W. (1999). A delinqüência como sinal de esperança (1967). In *Tudo começa em casa* (Paulo Sandler, trad., pp.81-92). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986.)
- Winnicott, D. W. (2000a). Formas clínicas da transferência (1955-6). In *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas* (Davy Bogomoletz, trad., pp. 393-398). Imago. (Trabalho original publicado em 1958.)
- Winnicott, D. W. (2000b). Memórias do nascimento, trauma, do nascimento e ansiedade (1949). In *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas* (Davy Bogomoletz, trad., pp.254-276). Imago. (Trabalho original publicado em 1958.)